

In Memoriam - Dr. Américo da Silva Prates



No passado dia 12 de Março, deixou de estar entre nós o Dr. Américo da Silva Prates. Recordamos aqui o Homem e o Radiologista, pois em ambas as categorias ele se distinguiu.

Foi uma referência da sua geração e das seguintes; formado em Medicina no ano de 1946, realizou o internato de Radiologia a partir de 1949 no Instituto português de Oncologia, tendo sido promovido a Assistente em 1951 e realizado exame da Especialidade à Ordem dos Médicos, em 1952. A sua carreira hospitalar é feita no IPO, onde esteve 23 anos, dos quais 2 como Chefe de Serviço, e no Hospital Curry Cabral onde foi Director de Serviço durante 26 anos, até à sua reforma em 1987. Neste Serviço exerceu uma direcção competente, séria e justa, privilegiando uma boa qualidade de atendimento, onde prevalecia a humanidade do contacto médico-doente, aliada a uma preocupação científica, baseada nos seus extensos conhecimentos das Ciências Básicas e da Radiologia, que deixou escola em várias áreas. Foi um

grande defensor da Radiologia Clínica, fazendo anteceder todo o exame radiológico, mesmo o mais simples, de uma curta entrevista clínica.

Quem com ele conviveu longos anos no dia-a-dia hospitalar, e lhe sucedeu na Direcção do Serviço, foi o Dr. José Manuel Santos Coelho, a quem agradecemos a disponibilidade e a prontidão com que escreveu as palavras sentidas que seguem, sobre esta grande personalidade de Homem e de Radiologista.

Recordar Américo da Silva Prates(1919-2003)

Recordar Américo da Silva Prates não é um exercício que eu faça habitualmente. Porque ele está presente em todos os cantos do Serviço de Radiologia do Hospital de Curry Cabral onde ainda hoje trabalho. Vim para cá, para junto dele, em 1974. Ele, porque se aposentou, deixou-nos em 1987. Foi, durante esse período, uma vida profissional intensa, vivida a seu lado todas as manhãs de todos os dias.

Este homem teve em mim uma influência importante, semelhante só, à que teve meu Pai. Para mim, a escala dos seus valores é *tão* alta, que poderia parecer um exagero a quem lesse estas linhas. Poderiam pensar que era o pagamento público de uma dívida, de quem dele recebeu tanto, como profissional e como homem.

Assim, optei por contar algumas “estórias”. São simples relatos sem mérito literário, mas que apenas servem para que todos o possam valorizar como eu, depois de o conhecerem melhor.

Foi um homem que actuou sempre com grande **Ponderação**, que pensava muito, antes de tomar qualquer decisão. Porque tinha a sua actividade profissional preferencialmente dividida entre o Hospital de Curry Cabral, na Rua da Beneficência – Av. Berna, e o seu consultório a meio da Av. António Augusto de Aguiar, quando escolheu a localização da sua casa, procurou-a numa zona que fosse equidistante de uma e de outra, e assim, foi viver para a António Augusto de Aguiar frente ao Bairro Azul. Via-o chegar muitas vezes a pé, bem disposto, com os seus livros e revistas na pasta. O Volvo, esse, geralmente ficava em casa. Fazia exercício e tinha assim a certeza de, com pontualidade, chegar a qualquer dos seus lugares de trabalho.

O cumprimento dos horários era para si uma obsessão. A **Pontualidade**, o respeito pela hora marcada ao doente, uma obrigação de todos os seus colaboradores, que tinham nele o exemplo da perfeição. Ficava doente se os exames marcados para as 8,30 horas não eram iniciados a essa hora. Se necessário fosse, avançava ele pelo Interno

atrasado. Depois, não se zangava nem castigava, Procurava certificar-se se o seu exemplo tinha sido compreendido. Era assim em tudo. Apercebíamo-nos que ele não dirigia o Serviço, ele **Liderava** exemplarmente o seu Serviço. Todos os que trabalharam com ele aprenderam a respeitar as horas. Mas nenhum exame era prejudicado na sua execução pelos horários. Para ele, todos os exames radiográficos eram “fatos a feitio”, que deveriam ser adaptados caso a caso a cada doente. Se esta prática condicionasse atrasos ou não cumprimento da marcação de algum doente, era ele próprio então que se desdobrava em desculpas e em explicações. **Respeitava** exemplarmente todos os doentes e de igual forma todos eles. Mas não eram só os doentes que mereciam o seu respeito.

Em 1974 demos aulas de Radiologia para a Universidade Nova de Lisboa. À hora marcada de cada aula, impreterivelmente e ao minuto, o responsável pela aula começava a expor. Sem qualquer tolerância, nunca poderíamos ultrapassar os 50 minutos. Para cumprirmos o início, só ficava descansado se chegássemos 10 minutos antes da hora. Para terminarmos, éramos por ele alertados por um sinal sonoro da sua imaginação - o celeberrimo “click”. **Gostava** de dar, e com especial prazer, transmitir o seu enorme conhecimento radiológico. Gostava muito das aulas que dava. Ensinava a “ler” radiografias. Para que os alunos durante as aulas, não desviassem a atenção das imagens projectadas, que ocupavam todos os 50 minutos, entregava-lhes à porta, no fim de cada aula, o texto de apoio que, muitas vezes, tinha sido ele próprio a imprimir em *stencil*, pois na época não havia ainda fotocopiadoras. O RIGOR com que exercia todos os seus actos profissionais, e que exigia constantemente aos seus colaboradores, obrigava-o a dedicar longas horas à revisão do texto das aulas.

Para além de ser excelente **Semiologista**, era um bom Clínico, A avaliação e interpretação de qualquer imagem radiográfica – nesse tempo, apenas as agora ditas convencionais – obrigava a longos minutos de observação. Tirava tudo da imagem. Exigia toda a informação clínica e, só então... **Prudentemente**, avançava as hipóteses mais plausíveis. Nos casos mais complexos era inevitável, sentar-se, traçar a perna e afagar o queixo. É esta a imagem dele que vejo constantemente. Mas, quantas vezes o vimos agarrar o “Gamuts in Radiology”, procurar **Humildemente** a listagem das hipóteses “common” e “uncommon” e depois, ainda com mais prudência, com muito saber e experiência procurar encontrar o diagnóstico mais provável.

Mas, se esta **Honestidade** científica pautava cada observação radiológica, quando estava em causa o interesse dos bens públicos, o seu rigor era incedível. Isto era frequente quando tinha que avaliar propostas de aquisição de material radiológico ou simplesmente de películas. Para ele a defesa dos dinheiros do Estado era uma obrigação, desde que estivesse salvaguardada a qualidade que daria segurança à técnica. Não precisou nunca de administradores hospitalares ou de gestores para

que lhe ensinassem os **Princípios** de boa prática e de isenção, que transmitiu pelo exemplo, a todos os que tiveram a felicidade de trabalhar com ele. Não admitia conversas, alterações ao que estava escrito na proposta e muito menos favores ou ofertas, antes, durante, ou mesmo depois dos concursos.

Era exemplarmente **Isento**. A escolha mais importante de equipamento radiológico que fez para o Serviço, enquanto trabalhei com ele, foi a de uma mesa telecomandada, com tomógrafo, angio, ampliphoto, gravação vídeo. Era um equipamento de criação recente. O primeiro a ser instalado na Península. Era um equipamento novo e caro. Todo o cuidado era pouco. Foram horas e horas de estudo. Reuniões atrás de reuniões. Finalmente a opção foi tomada. Nota de encomenda feita. Em Outubro desse ano vamos a Paris às Jornadas de Radiologia. Na área da “exposição técnica”, o Dr. Prates é reconhecido pelo delegado português que o apresenta ao Director da Firma produtora. Com grande deferência mostram-nos o equipamento. Ficamos orgulhosos e satisfeitos, antevendo o prazer que viríamos a ter trabalhando com tal máquina no nosso Serviço num futuro próximo. O tal Director da Firma convida-nos então para um jantar “à grande e à francesa”. Américo Prates sorrindo, diz-lhe que não, porque quando está em congressos não janta porque se deita cedo. Então o jantar converte-se num cognac francês de alta qualidade. Declina mais este convite, porque não bebe álcool durante o dia. O empresário começa a compreender quem é o Dr. Prates. Oferece-lhe então um café, porque, segundo ele, “nenhum médico se vende por um café”. Então sim, aceita com gosto o “mau café”. Era um **Incorruptível** e, mais do que isso, não queria só sê-lo, mas também parecê-lo.

Para além das qualidades profissionais era um **Homem Muito Bom**, amigo de todos os seus colaboradores, especialmente dos que mais precisavam dele. Sempre que qualquer um de nós tinha problemas em casa, especialmente se relacionados com a saúde da mulher ou dos filhos, dispensava-nos e fazia ele todas as nossas tarefas no Serviço. A **Família** era para ele o pilar de toda a nossa existência. Em determinado período, uma auxiliar de acção médica do nosso Serviço teve graves problemas materiais em casa. As necessidades que passava faziam com que estivesse cada dia mais débil. Ele soube do incidente. Inventou então que queria ter diariamente no Serviço, bolos, salgados, sumos, para que ele pudesse comer quando lhe apetecesse. Fingia que comia, e à funcionária deu indicação de que, “para que nada se estragasse levasse para casa o que tivesse sobrado” o que, todos os dias, era quase tudo. Era um **Homem Bom, Amigo do seu Amigo**.

Fazia radiologia preocupado em defender os seus doentes do abuso das radiações. Para ele, toda a dose de radiações era “demais quando não necessária”. Então, também era **Progressista**, pois só agora em 2002 vimos ser publicado um Decreto-Lei que se preocupa com este facto. Foi esta preocupação com o efeito das radiações que condicionou que, logo que surgiu a ecografia pela primeira vez, eu o tivesse visto pedir à Fundação Gulbenkian um dos

primeiros ecógrafos (essas deliciosas missivas, guardo-as ainda hoje no museu do seu Serviço). Então, foi também um PIONEIRO. Nunca fez ecografia, mas apostou tudo e muito lutou, pela imagem sem radiações.

Posteriormente foi a vez do TAC. Todos íamos estudando para darmos os esclarecimentos possíveis sobre as imagens que nos traziam, mas, fundamentalmente para darmos opinião sobre a oportunidade de execução de uma TAC, numa ou outra situação. Era essa a nossa colaboração possível nessa época. A utilidade da nova técnica tinha de ser ponderada caso a caso, porque era cara e pouco disponível. Américo da Silva Prates estava atento, e as suas sugestões, pelo seu rigor, eram sempre ouvidas. Só quando um seu familiar directo instalou um equipamento privado, é que eu passei a sentir que o meu Director, até então sempre disponível e interveniente, se afastava, para não ter que manifestar a sua opinião, sobre a indicação para um eventual exame de TAC. Certamente não queria que alguém sequer pudesse pensar, que ele estava indirectamente a contribuir para o aumento da clientela de alguém. Poucos assistiram e se aperceberam destes momentos. Eu, que julgo tê-lo conhecido bem, tenho a convicção de que foi esta a razão que o levou a precocemente pedir a passagem à reforma. Honesto, incorrupto no ser e no parecer.

Deverão, talvez agora, conhecê-lo melhor e a perceberem-se que perdemos um homem *PONDERADO*, *RESPEITADOR*, um verdadeiro *LÍDER*, um *SEMILOGISTA ARGUTO* e *RADIOLOGISTA* de *GRANDE SABER*, *PRUDENTE* e *HUMILDE*, *HONESTO* e *INCORRUPTO*, *PROGRESSISTA* e *PIONEIRO*, enfim um *HOMEM BOM* e *EXEMPLAR*.

Santos Coelho

